PROJETO DE LEI ORDINÁRIA N° 54/2020

DENOMINA DE RUA PAULO AMARAL, RUA SEM DENOMINAÇÃO OFICIAL, LOCALIZADA PRÓXIMA A RUA JOSE CÂMARA BASTOS, NO BAIRRO FAZENDA (RUA PROJETADA "B" NO LOTEAMENTO DOS MÉDICOS).

Art. 1º - Fica denominada de Rua Paulo Amaral, a rua sem denominação oficial, localizada próxima a Rua Jose Câmara Bastos, no bairro Fazenda (Rua Projetada "B" Loteamento dos Médicos).

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA:

Trata-se de Projeto de Lei que visa denominar Rua Paulo Amaral, rua sem denominação oficial. Paulo Amaral nasceu na localidade de Limeira, município de Brusque, em 12 de julho de 1940, filho de José João do Amaral e Maria Ignês Angioletti Amaral. Ao lado dos irmãos Lino, Vilma e Abrão, viveu grande parte de sua infância naquela região, dividindo seus dias entre o estudo – onde cursou até o terceiro ano primário – e os afazeres com a lavoura.

Com a dissolução do casal, Paulo, aos 10 anos de idade, acompanhado da mãe e dos irmãos, veio morar em Itajaí, numa pequena casa alugada onde hoje situa-se o bairro Vila Operária. Foram tempos difíceis. Não havia mais onde plantar o que comer e a família dependia do trabalho da mãe – lavando roupas para fora – para sustentar a família.

O senso de responsabilidade surgiu em Paulo ainda menino. Aos 12 anos, viu-se obrigado a encontrar alguma atividade para ajudar a mãe. E, diante da falta de emprego formal para uma pessoa tão jovem, começou a vender peixe, num carrinho-de-mão, pelas ruas de Itajaí.

Não havia sol forte demais ou frio demasiado intenso que o impedisse de percorrer seu trajeto direto, literalmente "vendendo seu peixe" para ajudar a alimentar os irmãos. Mas em dias de chuva intensa, não adiantava aventurar-se na estrada, pois as freguesas não saíam de casa para comprar. Foi por isso que, aos 14 anos, em 1954, foi convidado pelo seu tio, Luís Rovigo, chefe de tecelagem da Sulfabril, para trabalhar na empresa e morar com ele, em Blumenau. Quatro anos depois, em 1958, a possibilidade de uma vida no mar seduziu Paulo Amaral, que retornou a Itajaí e ingressou na Marinha Mercante. A bordo de um cargueiro, Paulo conheceu diversos países das Américas, mas um acidente abreviou sua carreira e ele teve que deixar a Marinha, voltando a fixar residência em Itajaí.

No início do ano de 1964, Paulo estava trabalhando como operário no Moinho Peônia, um depósito de trigo, com um grande silo, situado na Rua Blumenau. Da janela do depósito, ele via passar, todo o dia, uma jovem que trafegava de bicicleta para o trabalho. Quis o destino que, poucos dias depois, em uma festa, ele encontrou a moça a quem foi apresentada por uma amiga em comum. Seu nome: Erica da Silva.

O período desde a data em que foram apresentados até o dia do casamento foi impressionantemente curto. Bastou 20 dias para que o casal subisse ao altar e selasse o matrimônio que durou toda uma vida. Em 19 de fevereiro de 1964, foi celebrado o casamento de Paulo Amaral e Erica da Silva Amaral. A vida era extremamente simples e marcada por muitos sacrifícios. Sem emprego fixo, Paulo trabalhou como servente de pedreiro e, depois, como pedreiro. Durante três anos o dia-a-dia de Paulo era dedicado a erguer paredes e muros, tornando-o experiente no trato com o tijolo e o cimento, até que uma novidade veio transformar sua vida.

Começava a ganhar espaço junto aos consumidores brasileiros uma nova e engenhosa invenção, que prometia conforto ao público mais abastado: os condicionadores de ar ou, mais popularmente, aparelhos de ar condicionado. A instalação destes aparelhos era relativamente simples: bastava abrir um buraco na parede da residência, encaixar uma abertura de madeira e fixar o aparelho, de forma que ele sugasse o ar de dentro do residência, resfriasse-o e colocasse de volta, climatizando o ambiente.

Paulo logo aprendeu a abrir as paredes sem grandes danos, apenas o suficiente para encaixar o caixilho de madeira e fixa-lo com pequena quantidade de argamassa. Na maioria dos casos, bastava apenas um pequeno retoque na pintura e ninguém percebia que a parede foi "quebrada" para colocar o aparelho. Sua técnica foi tão precisa que ele tornou-se capaz de abrir paredes externas de dentro de um apartamento, em andares mais altos dos edifícios, sem deixar sequer uma lasca cair fora e colocar em risco automóveis ou pedestres que passassem defronte aos prédios.

Os aparelhos de ar condicionado foram se popularizando no decorrer das décadas de 70 e 80. Ainda assim, só os mais privilegiados dispunham de disponibilidade financeira para desfrutar desta comodidade. Além disso, à época, apenas uma loja revendia os aparelhos em Itajaí: a Hermes Macedo. E, como apenas os mais ricos podiam comprar o aparelho, a pessoa indicada oficialmente pela loja para a instalação era tida como de grande confiança. Foi assim que Paulo Amaral ganhou notoriedade como profissional instalador de ar-condicionado e alcançou sua estabilidade financeira, garantindo conforto e amparo à esposa e aos seus filhos.

Quando casou, Paulo Amaral possuía apenas duas calças que usava uma para ir trabalhar e outra para ocasiões sociais que, via de regra, era ir à missa aos domingos com a esposa. A situação era difícil e ele morava com a esposa na casa da sogra, situada na rua Max, no bairro São João.

Com a estabilidade financeira graças ao trabalho como instalador de ar condicionado, Paulo e Erica compraram uma casa na rua Aurora Tabalipa, próximo à Igreja do bairro. Mais tarde, trocaram a residência por uma outra, localizada na Travessa Valdemar Cordoni.

Para Paulo, o bairro São João era sua casa, os vizinhos, a extensão de sua família. Foi ainda na década de 70 que ele começou a trabalhar para o desenvolvimento do bairro São João, assumindo a posição de diretoria do extinto Círculo Operário de Itajaí, uma instituição mantida com o apoio da Igreja Católica no atendimento social e de saúde aos moradores da região que, mais tarde, foi absorvido pela rede de Saúde da Prefeitura.

A Igreja e a comunidade católica do bairro tornaram-se motivo e parte da história de lutas de Paulo, Erica e sua Família. O casal passou a integrar o "Movimento de Irmãos" da comunidade. Paulo tornou-se Ministro da Eucaristia e participou do Conselho Administrativo Pastoral. Erica, além de Ministra, também integra o corpo de liturgia da Igreja. O casal sempre dedicou-se com prazer ao voluntariado e, durante cerca de 25 anos, coordenou a barraca de Cachorro Quente da Festa do Padroeiro, São João Batista, celebrada anualmente no final de junho.

No dia 27 de agosto de 2019, Paulo Amaral não resistiu a uma série de complicações decorrentes de um inesperado tumor. Após 55 anos de um casamento exemplar, Paulo partiu deixando a esposa Erica, seis filhos, 13 netos e cinco bisnetos.

Paulo Amaral também deixou um legado de batalha, trabalho árduo e conquistas para os seus e sua comunidade. As limitações financeiras da própria família não foram obstáculo para que ele pudesse doar seu trabalho para o desenvolvimento do bairro São João, para o qual ele representa um verdadeiro baluarte. Por isso nosso compromisso em homenagear esse homem trabalhador, honesto e incansável na luta diária para conquistar um melhor lugar para se viver.

SALA DAS SESSÕES, EM 03 DE JUNHO DE 2020

CARLOS AUGUSTO DA ROSA
VEREADOR - MDB

ANTÔNIO ALDO DA SILVA
VEREADOR - Progressistas

CÉLIA REGINA DA COSTA
VEREADORA - MDB

EDSON ALEXANDRE LAPA DA SILVA
VEREADOR - PSL

EDUARDO ILTO GOMES
VEREADOR - PDT

FABRÍCIO MARINHO
VEREADOR - CIDADANIA

FERNANDO MARTINS PEGORINI
VEREADOR - PSL

JOSÉ ACÁCIO DA ROCHA
VEREADOR - DEM

LUIS FERNANDO DA SILVA
VEREADOR - PDT

MARCELO WERNER
VEREADOR - PSC

NÍKOLAS REIS MORAES DOS SANTOS
VEREADOR - Podemos

PAULO MANOEL VICENTE
VEREADOR - PDT

RUBENS ANGIOLETTI
VEREADOR - Podemos

SERGIO MURILO PEREIRA
VEREADOR - PL

VANDERLEY DALMOLIN
VEREADOR - MDB